

# al.ama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

## GRANDES PROJECTOS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Conimbriga

Tongobriga

Mesas do Castelinho

Alcalar

Herdade dos Perdigões

Vale do Côa

IIª Série | n.º 16

Dezembro 2008

10 euros



O Povoado Tardo-Republicano  
do Monte dos Castelinhos

Dinâmica Urbana  
da zona ribeirinha de Faro

Minimizar em Arqueologia  
um novo rumo?

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA



## r e s u m o

Resultados de prospeções arqueológicas realizadas em 2006 no Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Lisboa), na sequência de um incêndio.

Os autores analisaram também materiais resultantes de anteriores recolhas no sítio, que incluem cerâmicas campanienses, *terra sigillata*, ânforas, cerâmica comum e de construção. A homogeneidade do espólio sugere uma ocupação humana de inícios do século I a.C. a meados do século I d.C., provavelmente relacionada com uma instalação de cariz militar.

## p a l a v r a s c h a v e

Idade do Ferro; Época romana; Cerâmica campaniense; *Terra sigillata*; Ânforas.

## a b s t r a c t

Results of the archaeological survey carried out in 2006 at the Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Lisbon), following a fire.

The authors also analysed materials from previous excavations, including Campanian pottery, *terra sigillata*, amphorae, common pottery and construction ceramics. The homogeneity of the remains suggests human occupation from the beginning of the 1st century BC to the middle of the 1st century AD, probably related to a military building.

## k e y w o r d s

Iron Age; Roman times; Campanian pottery; *Terra sigillata*; Amphorae.

## r é s u m é

Résultats des recherches archéologiques réalisées en 2006 sur le Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira, Lisbonne), à la suite d'un incendie.

Les auteurs ont analysé également des matériaux provenant de recueils antérieurs sur le site, qui incluent des céramiques campaniennes, terre sigillée, des amphores, de la céramique domestique ou destinée à la construction. L'homogénéité du butin suggère une occupation humaine datant du début du 1er siècle av. J.-C. au milieu du 1er siècle a. J.-C., probablement liée à une installation d'apparence militaire.

## m o t s c l é s

Âge de Fer; Époque romaine; Céramique campanienne; Terre sigillée; Amphores.

# O Povoado Tardo-Republicano do Monte dos Castelinhos

## Vila Franca de Xira

por João Pimenta <sup>(\*)</sup>, Henrique Mendes <sup>(†)</sup> e José Norton <sup>(\*\*)</sup>

<sup>(\*)</sup> Arqueólogo (Câmara Municipal de Vila Franca de Xira).

<sup>(\*\*)</sup> Economista.

### 1. Introdução

**A**o deslocarmo-nos de Santarém para Lisboa pela antiga estrada real, deparamo-nos, após a extensa planície de aluvião do Carregado, com o imponente planalto do Monte dos Castelinhos (Fig. 1).

Este extenso morro ergue-se sobranceiro à antiga foz do rio Grande da Pipa, na freguesia de Castanheira do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira, tendo desde cedo sido procurado para assentamento pelas primeiras comunidades humanas (Fig. 2).

Sendo conhecidas desde há mais de cem anos referências à existência de ocupações antigas, estas nunca foram devidamente investigadas, resumindo-se a alguns achados isolados e a prospeções de superfície. Apesar de escassas, parece-nos pertinente efectuar uma tentativa de síntese das várias notícias algo dispersas existentes sobre esta estação.

As primeiras referências históricas a este local mencionam, já no século XVI, a existência de uma importante propriedade agrícola na posse de Pedro Afonso de Avelar.

Em inícios do século XVII, a documentação atribui esta Quinta ao Marquês de Fontes. É, possivelmente, devido ao facto de o primeiro titular deste cargo ter deixado a sua esposa viúva com os filhos de tenra idade, e de ela ser a representante da casa durante muito tempo, que advém o topónimo Quinta da Marquesa, que ainda hoje perdura em sua memória (HENRIQUES 1997: 56).

Esta propriedade é adquirida pela família Goês em 10 de Janeiro de 1887, sendo então efectuadas grandes plantações de vinha e construído o lagar.



Datam desta época de grandes alterações na exploração agrícola da propriedade as primeiras referências a achados arqueológicos.

*"Recentemente 1, abriu-se um caminho, de carro, que vai ter ao cume do monte, donde se goza lindíssima vista. Consta-me que naquele ponto se acharam vestígios de fundações antigas e muitíssimo sólidas, restos talvez, do solar de Pedro Afonso de Avelar"* 3 (HENRIQUES 1997: 57).

Ainda que não nos tenha chegado qualquer notícia escrita, referências indirectas mencionam que o incansável investigador de Alenquer, Hipólito Cabacho, terá aqui efectuado prospeções em meados dos anos trinta do século passado (PARREIRA 1989-1990). No acervo do Museu de Alenquer, guarda-se ainda uma pequena mas significativa colecção de materiais arqueológicos aqui recolhidos.

E. Barbosa, no seu artigo "Notícia de Alguns Achados Romanos no Concelho de Alenquer", refere que se terão encontrado na Quinta da Marquesa *"vestígios de um cemitério romano sob o jardim e um laranjal"* (BARBOSA 1970: 28).





Figuras 1 a 3

Localização do Monte dos Castelinhos no Vale do Tejo (página anterior) e na Carta Militar de Vila Franca de Xira, escala 1: 25 000, Folha n.º 390 (em cima).

À direita, levantamento das curvas de nível do morro do Monte dos Castelinhos, onde se assinala a localização das recolhas de José Norton nos anos 1980.



Fernando de ALMEIDA (1972), refere pela primeira vez uma lucerna romana completa de meados do século II d.C., que se conserva no Museu Municipal. Esta teria sido encontrada em local indeterminado da Quinta da Marquesa, sendo doada então pela família Goês à Câmara Municipal. Poderá esta lucerna vir do cemitério mencionado por E. Barbosa?

Outro dos achados isolados foi efectuado "numa courela próxima da Ribeira de Cadafais (ou vala do Carregado) situada no Monte dos Castelinhos" (GOMES e PONTE 1984: 97). Trata-se de uma aplicação de mobiliário em bronze de pequena dimensão, em forma de mascarão representando *Júpiter Ammon*, descoberta no decorrer de trabalhos agrícolas.

Nos anos 1980, Barreto Domingos e Fernando Gomes, do Museu de Alenquer, efectuaram prospecções extensivas na Quinta da Marquesa, que revelaram um vasto *habitat* fortificado, com vários troços de muralha visíveis, cuja datação permanece insegura (GOMES e PONTE 1984). Do espólio então recolhido à superfície, propõem a existência de uma ocupação da Idade do Ferro e posteriormente, durante o domínio romano.

Por último, os trabalhos de levantamento e inventário efectuados por Rui Parreira nos finais dos anos oitenta, levaram este investigador a sublinhar a importância do Monte dos Castelinhos durante a Idade Média: "[...] de acordo com materiais observados durante a batida de campo, o local deve ter desempenhado um papel de relevo na defesa da linha do Tejo" (PARREIRA 1989-1990: 82).

Em 1980, um de nós (José Norton), seguindo indicações de Octávio da Veiga Ferreira, efectuou uma visita ao local, tendo recolhido na encosta virada a Este uma apreciável quantidade de materiais arqueológicos, destacando-se fragmentos de ânforas, de *sigillata* itálica e sud-gálica e de cerâmica campaniense (ver Fig. 3).

A existência desse conjunto foi divulgada pelo mesmo signatário em comunicação à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, na sua reunião de 28 de Março de 2007. Na sequência dessa comunicação, iniciaram-se profícuos contactos com os arqueólogos do Museu Municipal de Vila Franca de Xira e signatários deste trabalho, contactos que acabariam por levar à doação dos referidos materiais à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e à elaboração do presente trabalho.

<sup>1</sup> O trabalho do Comendador Guilherme J. C. Henriques foi inicialmente publicado no semanário Vilafranquense, entre 1899 e 1900.

<sup>2</sup> Pedro Afonso de Avelar é o primeiro proprietário de que há referência, em 1526, ao Monte dos Lóios ou dos Castelinhos. É, contudo, plausível que estas estruturas pertençam a qualquer edifício anterior...

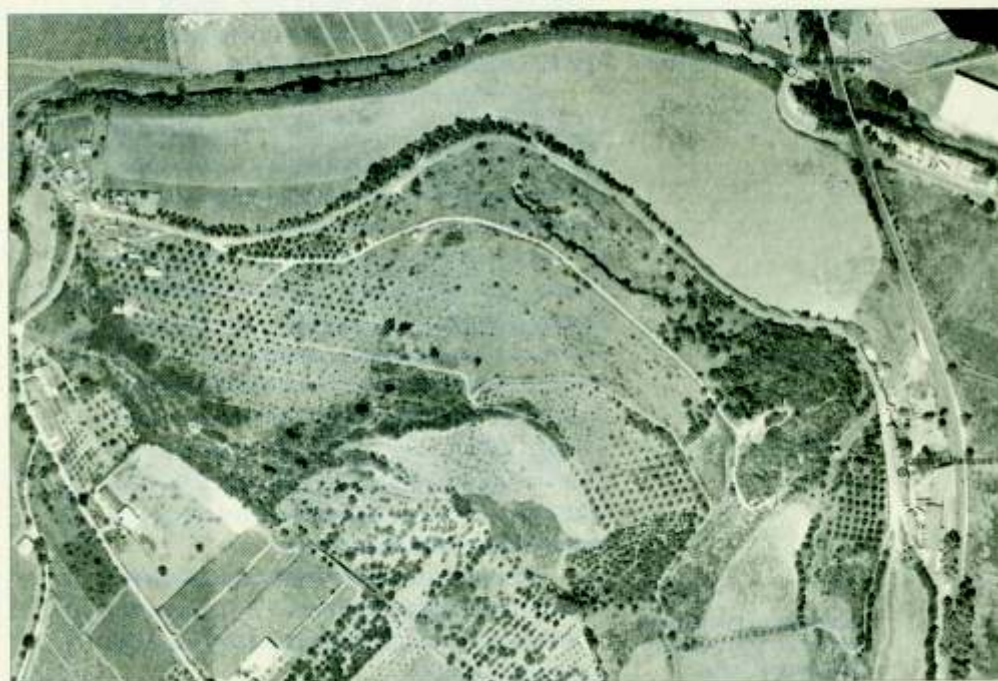


Figura 4

Vista aérea do Monte dos Castelinhos.



## 2. Os recentes trabalhos desenvolvidos

Ao iniciarmos a nossa actividade como arqueólogos do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, fomos informados, em Outubro de 2006, da ocorrência de um incêndio nas encostas do Monte dos Castelinhos. Face à importância deste arqueossítio, deslocámo-nos ao local a fim de averiguar os eventuais danos às estruturas defensivas referenciadas na bibliografia. O incêndio incidiu na íngreme encosta virada à vala do Carregado, não tendo afectado directamente as estruturas das antigas muralhas e taludes que rodeiam o cabeço do planalto e que podemos atestar *in loco*.

A análise da área ardida revelou, dispersos pelo terreno, inúmeros vestígios artefactuais reveladores das antigas ocupações humanas aqui existentes.

Face ao avançado estado de erosão a que esta encosta está sujeita, e que o incêndio apenas acelerou, decidimos, após consultar o Instituto Português de Arqueologia e efectuado o devido pedido de autorização para a realização de prospecções, recolher os restos cerâmicos e líticos aí visíveis, a fim de salvaguardar potencial informação aferível a partir do seu estudo.

## 3. Os materiais

Apesar de carecer de enquadramento estratigráfico, a amostragem cerâmica já disponível, recolhida no morro e encostas do Monte dos Castelinhos, justifica a nosso ver um estudo *per se*.

Esta análise, de cariz artefactual, tem como objectivo central uma tentativa de enquadramento temporal do sítio em epígrafe. Estamos, contudo, conscientes de que esta leitura pode resultar falaciosa, na ausência de escavações arqueológicas e do devido enquadramento arqueo-espacial na estação.

Com vista a tentarmos ter uma visão o mais abrangente possível, solicitámos autorização ao Museu Hipólito Cabaço para analisar as colecções aí existentes, recolhidas ao longo do tempo com esta proveniência<sup>3</sup>.

Estas encontram-se divididas em dois grandes grupos. Um corresponde às recolhas de Hipólito Cabaço, sendo constituído essencialmente por cerâmicas manuais e alguns sílexes, atestando uma eventual ocupação no Calcolítico. O outro resulta das prospecções de Barreto Domingos e Fernando Gomes (GOMES e PONTE 1984), e é composto por materiais romanos em mau estado de conservação. Entre estes destaca-se a presença de material de construção, em particular um tijolo de quadrante.

Os materiais que apresentamos correspondem à colecção recolhida por um de nós (J.N.) no início dos anos oitenta, e às recolhas aí efectuadas na sequência do incêndio de 2007.

### 3.1. As cerâmicas campanienses

Apesar de resultar de recolhas de superfície, a colecção de cerâmica campaniense é bastante representativa, sendo constituída por 14 fragmentos. Destes, foi possível reconstituir a forma e atribuir classificação a oito recipientes (ver Fig. 5).

Do conjunto domina a campaniense do círculo da B, com 12 fragmentos, tendo-se individualizado um fragmento de bojo inclassificável de A, e dois fragmentos da Forma 2250 (Lamboglia 7), de pasta cinzenta, possivelmente do tipo C.

A associação de formas F 2300 e F 7500 (Lamb. 1 e 3) (MOREL 1981), leva a que nos pareça indubitável estar perante um conjunto de produções de campaniense B, enquadrado *grosso modo* nos finais do século II a.C. e na primeira metade do século I a.C.

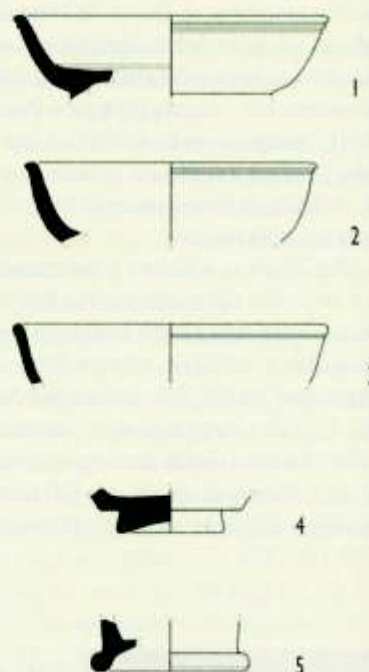
Estas associações encontram bons paralelos no acampamento romano da Lomba do Canho, Arganil (FABIÃO e GUERRA 1996), e no Povoado das Mesas do Castelinho (FABIÃO 1998).

Fig. 5 – Cerâmicas campanienses.

#### Catálogo

I. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0142

Fragmento de bordo, parede e arranque de fundo de uma campaniense B da Forma 2322 (= Lamb. 1). Diâmetro externo de 13,6 cm. Verniz negro mate em mau estado. Pasta depurada e homogénea, de tom amarelo pálido (7,5 YR 8/4), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm.



<sup>3</sup> Agradecemos o auxílio prestado pelo Dr. Filipe Rogeiro, Director do Museu Hipólito Cabaço.



### 3.2. A Terra Sigillata

O conjunto de *terra sigillata* recolhido até ao momento no Monte dos Castelinhos resume-se a 15 fragmentos de pequena dimensão, dominando as importações itálicas (dez) (ver Fig. 6).

Entre as formas que foi possível reconstituir destacam-se o prato da forma Consp. 18.1, com uma cronologia entre 15 a.C. e 37 d.C., e o prato da forma Consp. 20, de meados do século I d.C. (VIEGAS 2003: 61).

Recolheu-se ainda um fragmento de difícil classificação, que atribuímos, ainda que com algumas cautelas, às primeiras produções de *sigillata* itálica (Fig. 6, n.º 14). Apresenta uma pasta bege pálida, muito homogênea, e verniz diluído alaranjado ou vermelho, pouco aderente. Este tipo de produção encontra bons paralelos no Castelo da Lousa (GONCALVES e CARVALHO 2002: 185).

Os elementos de *terra sigillata* sud-gálica encontram-se extremamente fragmentados, tendo porém sido possível identificar um fundo completo com uma marca, infelizmente ilegível, possivelmente de uma taça do tipo Dragendorff 24-25, com uma cronologia centrada entre Tibério / Cláudio a 60 d.C.

Terra sigillata - Fig. 6 →

Evidencia duas caneluras bem marcadas na parede externa, junto ao bordo.

#### 2. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0141

Fragmento de bordo e parede de uma campaniense B da Forma 2322 (= Lamb. 1). Diâmetro externo de 12,8 cm. Verniz cinzento-escuro de reflexos acastanhados. Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (7.5 YR 7/3), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm. Evidencia duas caneluras bem marcadas na parede externa, junto ao bordo.

#### 3. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0140

Fragmento de bordo e parede de uma campaniense B da Forma 2311 (= Lamb. 1). Diâmetro externo de 13,6 cm. Verniz cinzento-escuro de reflexos acastanhados. Pasta depurada

e homogênea, de tom castanho-claro (5 YR 6/4), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm. Evidencia uma canelura na parede externa, junto ao bordo.

#### 4. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0143

Fragmento de fundo e arranque de parede de uma campaniense B da Forma 1231 (= Lamb. 2). Diâmetro do fundo 4,7 cm. Verniz negro mate, evidenciando do lado externo reflexos avermelhados. Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (7.5 YR 6/6), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm.

#### 5. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0138

Fragmento de fundo e arranque de parede de uma campaniense B da Forma 7550 (= Lamb. 3). Diâmetro do fundo 7 cm. Verniz negro mate, em

mau estado de conservação. Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (7.5 YR 8/4), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm.

#### 6. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0136

Fragmento de bordo e arranque de parede de uma campaniense "C" da Forma 2250 (= Lamb. 7). Diâmetro externo de 25,6 cm. Verniz cinzento-escuro de reflexos metálicos. Pasta depurada e homogênea, de tom cinzento (7.5 YR 6/2), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm.

#### 7. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0173

Fragmento de fundo e arranque de parede de uma campaniense "C" da Forma 2250-2280 (= Lamb. 3). Diâmetro do fundo 7 cm. Verniz negro mate, em mau estado de conservação. Pasta de características e tonalidade similares ao exemplar anterior.

#### 8. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0144

Fragmento de fundo e arranque de parede de uma campaniense B da Forma 2250-2280 (= Lamb. 3). Diâmetro do fundo 7 cm. Verniz negro mate, em mau estado de conservação. Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (7.5 YR 8/4), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm. Apresenta-se muito deteriorada na sua superfície externa, devido à prolongada exposição aos agentes erosivos.

### Catálogo

#### 9. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0147

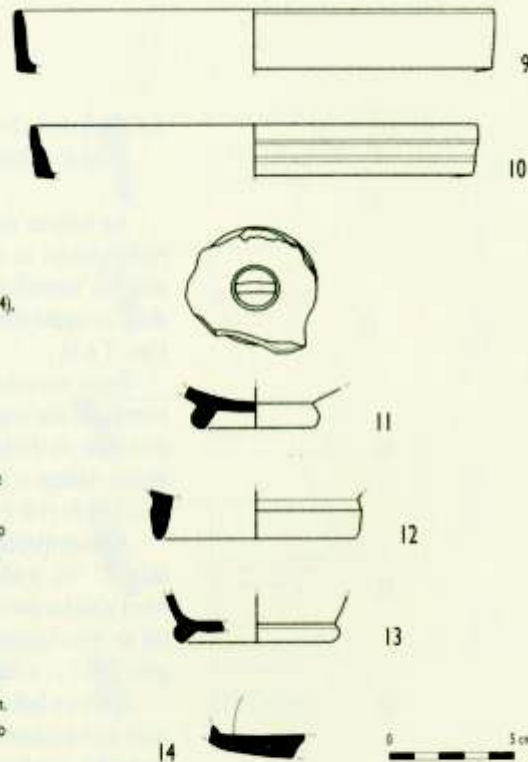
Fragmento de bordo e arranque de parede de terra sigillata itálica da Forma Consp. 20. Diâmetro 19 cm. Verniz vermelho, em mau estado de conservação, apenas se conservando do lado interno. Apresenta-se espesso e lustroso, de tom vermelho (10 R 4/6). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (2.5 YR 6/4), com escassos elementos não plásticos de dimensão inferior a 0,5 mm.

#### 10. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0172

Fragmento de bordo e arranque de parede de terra sigillata itálica da Forma Consp. 18. Diâmetro 17,8 cm. Verniz vermelho espesso e lustroso, de tom vermelho (10 R 4/6). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (2.5 YR 7/4). Evidencia duas finas caneluras na parede externa, paralelas ao bordo.

#### 11. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0146

Fragmento de fundo e arranque de parede de terra sigillata sud-gálica, possivelmente do tipo Dragendorff 24-25. Diâmetro do fundo 5,1 cm. Verniz vermelho homogêneo e espesso, pouco brilhante, de tom vermelho (10 R 4/8). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (2.5 YR 5/4).



#### 12. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0148

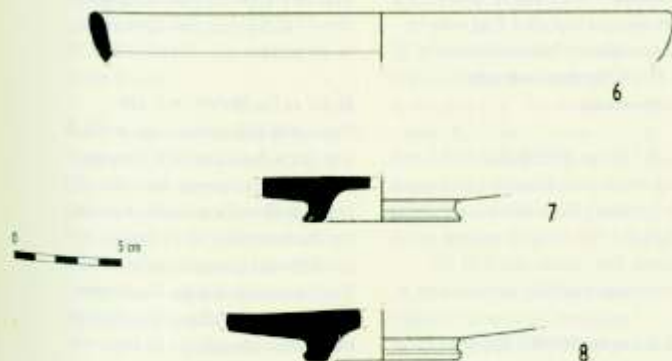
Fragmento de fundo de terra sigillata itálica. Diâmetro do fundo 8 cm. Verniz vermelho, espesso e lustroso, de tom vermelho (10 R 4/8). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (5 YR 7/4).

#### 13. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0149

Fragmento de fundo e arranque de parede de terra sigillata sud-gálica. Diâmetro do fundo 6,1 cm. Verniz vermelho, espesso e lustroso, de tom vermelho (10 R 4/6). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (2.5 YR 6/6).

#### 14. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0149

Fragmento de parede de terra sigillata itálica. Verniz vermelho, homogêneo e lustroso, de tom vermelho acastanhado (10 R 5/6). Pasta depurada e homogênea, de tom castanho-claro (7.5 YR 8/4).





### 3.3. A importação de produtos alimentares em ânforas

As ânforas apresentam-se particularmente bem representadas na amostragem disponível, tendo sido possível identificar um número mínimo de indivíduos de quase três dezenas de exemplares (29) (ver Figs. 7 e 8).

Entre estes destaca-se, numa primeira análise, a relevância das importações, em particular da vizinha província da *Baetica*, comparativamente às importações itálicas e às produções regionais do Vale do Tejo / Sado (ver Fig. 10).

As importações itálicas estão escassamente atestadas (7 %), tendo-se identificado apenas duas ânforas vinárias provenientes da costa tirrénica: um bocal de uma Dressel 1 e um de uma Dressel 2-4 (Figura 7, n.º 17 e Figura 8, n.º 41).

Entre as ânforas béticas, a forma Haltern 70 é a mais predominante (32 %), corroborando os dados de Santarém, relativamente ao incremento do volume de importação de vinho das regiões meridionais da península a partir da segunda metade do século I a.C. e durante os inícios do século I d.C. (ARRUDA e ALMEIDA 2000) (Figura 7, n.º 20 e Figura 8, n.º 33-40).

A par das Haltern 70, identificou-se igualmente uma ânfora vinária de pequena dimensão e fundo

plano, do tipo Dressel 28 (Figura 7, n.º 26). Estas ânforas, apesar de relativamente escassas, começaram a ser exportadas para o ocidente em finais do século I a.C., tendo-se identificado em Santarém (ARRUDA e ALMEIDA 2000) e em Braga (MORAIS 2007: 405, n.º 3).

O azeite proveniente do vale do Guadalquivir encontra-se particularmente bem atestado (25 %) entre as importações do Monte dos Castelinhos. A classificação tipológica dos contentores destinados à sua comercialização colocou-nos alguns problemas de interpretação, face à dificuldade de distinguir, com a presente amostragem, entre as ânforas do tipo Classe 24 / Oberaden 83 e Dressel 20. Tenha-se presente que estas correspondem a três tipos distintos que se sucedem cronologicamente, tendo mesmo levado a que fossem incluídas num mesmo grupo (Grupo IX de Rui ALMEIDA 2006: 82). Limitados à análise de fragmentos de bordo e a um fundo, torna-se, contudo, consistente estarmos perante os primeiros modelos da forma Dressel 20, com bons paralelos em contextos do final do século I a.C., na Lomba do Canho (FABIÃO 1989), nas Mesas do Castelinho (FABIÃO 2000) e na Alcáçova de Santarém (ALMEIDA 2006).

Face a esta interpretação, parece-nos adequado englobar estes contentores na Classe 24 de PEACOCK e WILLIAMS (1987) (Figura 8, n.º 42-49). ▶ 33

## Catálogo

### 15. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0163

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora Dressel 1C gaditana. Lábio alto de secção triangular. Diâmetro externo de 12,4 cm. Pasta compacta e homogênea, com escassos elementos não plásticos, constituídos por quartzos rolados e elementos de cerâmica moída. Tom amarelo pálido (2.5 YR 8/3). Superfície externa alisada, de tom esverdeado (GLEI 1 B/10Y).

### 16. N.º de Inv. MMVFX M.C. 014

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora Dressel I do Guadalquivir. Lábio curto de secção triangular. Diâmetro externo de 16 cm. Pasta compacta e arenosa, com elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos rolados, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Tom castanho claro (2.5 YR 7/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 17. N.º de Inv. MMVFX M.C. 09

Fragmento de bordo de ânfora Dressel I itálica. Lábio curto de secção triangular. Diâmetro externo de 18 cm. Pasta compacta e arenosa, com elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos rolados, elementos de cerâmica moída e elementos ferruginosos. Tom castanho claro (2.5 YR 7/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta, apresentando vestígios de exposição ao fogo.

### 18. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0166

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora Dressel 12 gaditana. Lábio de perfil triangular extrovertido. Diâmetro externo de 16,8 cm. Pasta dura e compacta, com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Tom vermelho claro (10 R 7/8). A superfície externa apresenta uma aguada de tom amarelo pálido (10 YR 8/4).

### 19. N.º de Inv. MMVFX M.C. 091

Fragmento de bordo de ânfora itálica do tipo Dressel I gaditana. Lábio curto de secção quadrangular. Diâmetro externo de 17,8 cm. Pasta compacta e arenosa, com elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos rolados, elementos de cerâmica moída e elementos ferruginosos. Tom castanho claro (2.5 YR 7/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 20. N.º de Inv. MMVFX M.C. 06

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio curto de secção quadrangular. Diâmetro externo de 16 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos.

Tom castanho claro (5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 21. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0165

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Dressel 7-11. Lábio oblíquo de perfil triangular, marcado por caneluras. Diâmetro externo de 18,6 cm. Pasta compacta, homogênea e bem depurada. Escassos elementos não plásticos, constituídos por quartzos e vacúolos alongados. Tom vermelho claro (2.5 YR 7/8). Superfície externa coberta de concreções calcárias.

### 22. N.º de Inv. MMVFX M.C. 018

Fragmento de asa de ânfora bética, possivelmente do tipo Haltern 70. Asa vertical com depressão longitudinal. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 23. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0162

Fragmento de asa de ânfora bética, possivelmente do tipo Haltern 70. Asa vertical com depressão longitudinal. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 24. N.º de Inv. MMVFX M.C. 094

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética da Classe 67. Lábio oblíquo de

perfil amendoado. Colo cilíndrico, marcado por uma canelura bem evidenciada. Diâmetro externo de 13 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos. Tom castanho claro (10 YR 6/3). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 25. N.º de Inv. MMVFX M.C. 179

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética da Classe 67. Lábio oblíquo de perfil amendoado. Colo cilíndrico marcado por uma canelura bem evidenciada. Diâmetro externo de 13 cm. Pasta compacta e sonora, similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (10 YR 6/3). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

### 26. N.º de Inv. MMVFX M.C. 099

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Dressel 28. Lábio de perfil quadrangular aplanado. Diâmetro externo de 18 cm. Pasta compacta e arenosa. Abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos de média dimensão (4 mm) e vacúolos alongados. Tom castanho claro (5 YR 5/6). Superfície externa alisada, de tom vermelho amarelado (7.5 YR 7/6).



**27. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0164**

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma canelura bem evidenciada. Diâmetro externo de 15,3 cm. Pasta dura e pouco depurada, com abundantes elementos não plásticos, constituídos por quartzos rolados, algumas inclusões negras, elementos de cerâmica moída e vaciúolos. Tom vermelho claro (2,5 YR 5/8). Superfície alisada, do tom da pasta.

**28. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0174**

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio oblíquo de perfil subquadrangular marcado por uma canelura bem evidenciada. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom vermelho claro (2,5 YR 5/8). Superfície alisada, do tom da pasta.

**29. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0169**

Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora ovóide lusitana. Lábio vertical de perfil subquadrangular marcado por uma canelura. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom vermelho claro (2,5 YR 5/8). Superfície alisada, do tom da pasta.

**30. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0170**

Fragmento de fundo de ânfora ovóide lusitana. Fundo cónico compacto. Apresenta um grafito gravado ante cocturam (antes da cozedura) na sua superfície externa. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom vermelho claro (2,5 YR 5/8). Superfície alisada, do tom da pasta.

**31. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0161**

Fragmento de asa de ânfora bética, possivelmente do tipo Haltern 70. Asa vertical com depressão longitudinal. Pasta similar ao exemplar n.º 22. Tom castanho claro (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**32. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0182**

Fragmento de asa de ânfora lusitana, possivelmente do tipo ovóide. Asa vertical com depressão longitudinal. Pasta similar ao exemplar n.º 26. Tom castanho claro (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**33. N.º de Inv. MMVFX M.C. 100**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio oblíquo de secção quadrangular. Diâmetro externo de 21 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vaciúolos. Tom castanho claro (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**34. N.º de Inv. MMVFX M.C. 089**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio oblíquo de secção quadrangular. Diâmetro externo de 19 cm. Pasta de características idênticas ao exemplar anterior. Tom castanho (7,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**35. N.º de Inv. MMVFX M.C. 093**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio vertical de secção quadrangular. Diâmetro externo de 17 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**36. N.º de Inv. MMVFX M.C. 090**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio vertical de secção quadrangular. Diâmetro externo de 20 cm. Pasta de características idênticas aos

exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**37. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0101**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio vertical de secção quadrangular. Diâmetro externo de 17,5 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**38. N.º de Inv. MMVFX M.C. 095**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio vertical de secção arredondada. Diâmetro externo de 16 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**39. N.º de Inv. MMVFX M.C. 092**

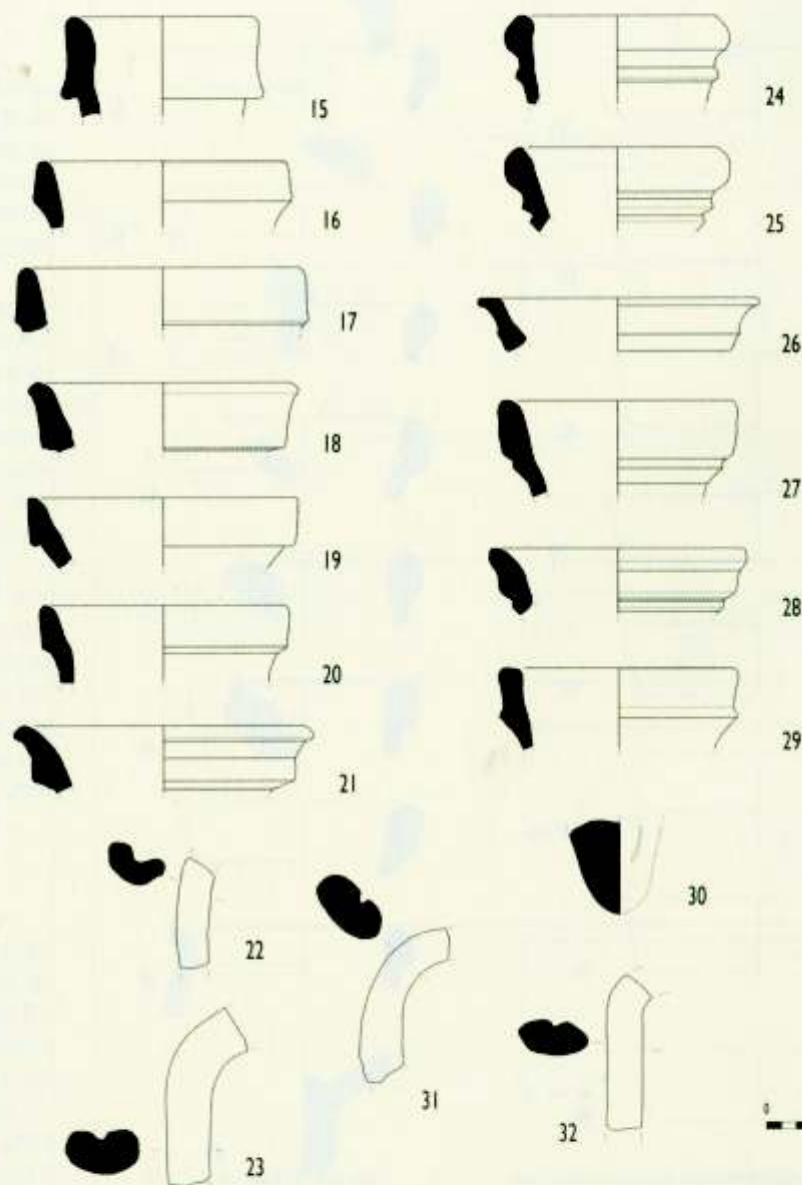
Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio oblíquo de secção triangular. Diâmetro externo de 17,2 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**40. N.º de Inv. MMVFX M.C. 096**

Fragmento de bordo de ânfora bética do tipo Haltern 70. Lábio oblíquo de secção triangular. Diâmetro externo de 16,3 cm. Pasta de características idênticas aos exemplares anteriores. Tom castanho (7,5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**41. N.º de Inv. MMVFX M.C. 013**

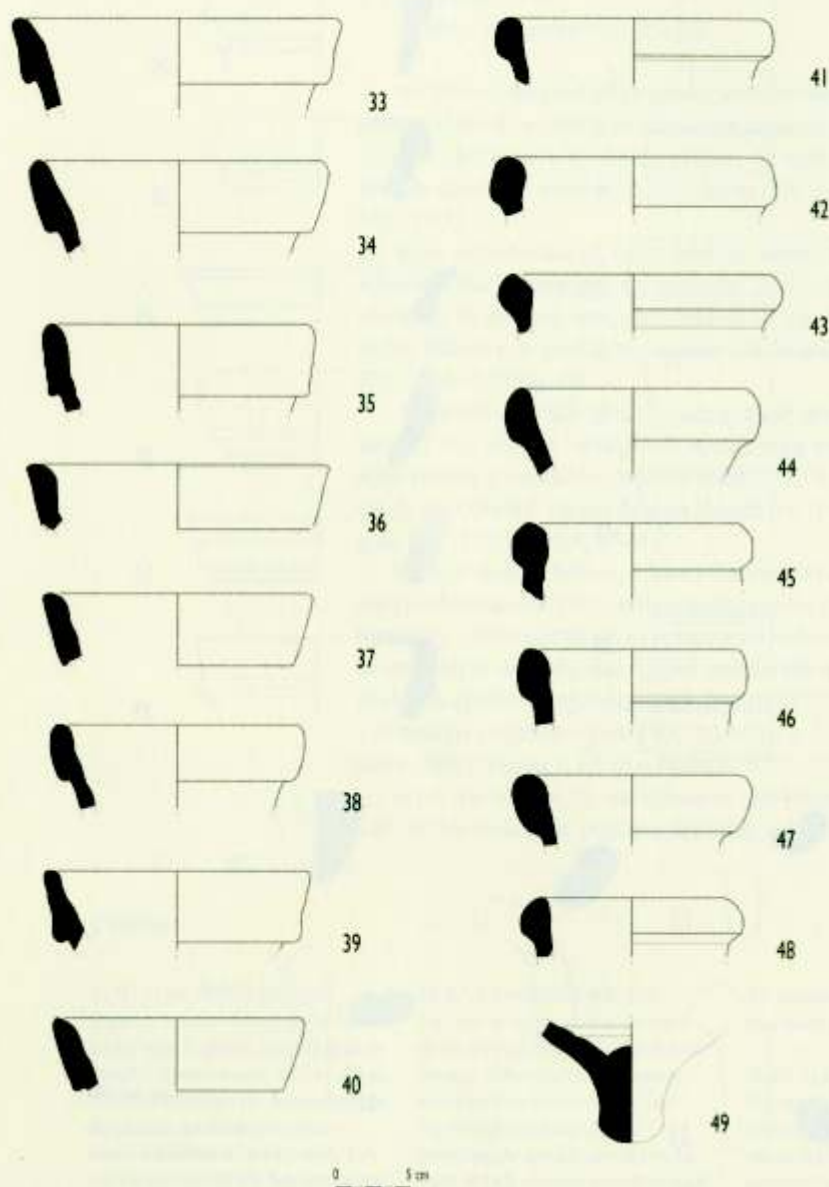
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora itálica do tipo Dressel 2-4. Lábio vertical de secção amendoada. Diâmetro externo de 21 cm. Pasta compacta e homogênea de fractura irregular.



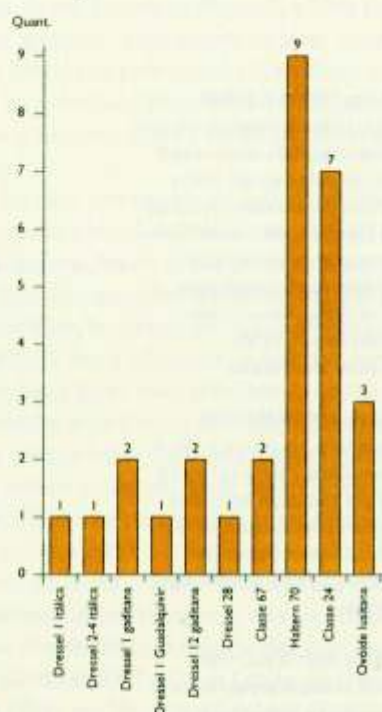
0 5 cm



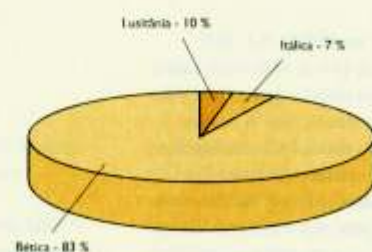
↓ Ânforas - Fig. 8



Tipos de Ânforas Identificados



Proveniências das Ânforas Identificadas



Figs. 9 e 10 - Tipos e proveniências das ânforas identificadas. ↓

33 Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras e vacúolos. Tom vermelho amarelado (5.5 YR 6/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

42. N.º de Inv. MMVFX M.C. 013  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção arredondada. Diâmetro externo de 21 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom castanho claro (7.5 YR 7/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

43. N.º de Inv. MMVFX M.C. 017  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção

arredondada. Diâmetro externo de 17 cm. Pasta compacta e arenosa. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, cerâmica moída e vacúolos. Tom amarelo avermelhado (5 YR 7/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

44. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0181  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção arredondada. Diâmetro externo de 15 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), escassos elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos. Tom castanho claro (7.5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

45. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0168  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de

secção arredondada. Diâmetro externo de 14.2 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (7.5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

46. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0167  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção arredondada. Diâmetro externo de 14 cm. Pasta de características idênticas ao exemplar anterior. Tom vermelho claro (2.5 YR 6/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

47. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0180  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção arredondada. Diâmetro externo de 14.5 cm. Pasta de características idênticas ao exemplar anterior. Tom vermelho claro (2.5 YR 6/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

48. N.º de Inv. MMVFX M.C. 007  
Fragmento de bordo com arranque de colo de ânfora bética do tipo Classe 24. Lábio de secção arredondada. Diâmetro externo de 12 cm. Pasta de características idênticas ao exemplar anterior. Tom castanho claro (2.5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

49. N.º de Inv. MMVFX M.C. 0160  
Fragmento de fundo com arranque de bojo ovóide de ânfora bética do tipo Classe 24. Fundo cônico compacto, terminando em base arredondada. Pasta de características idênticas ao exemplar anterior. Tom castanho claro (2.5 YR 6/3). Superfície externa alisada, do tom da pasta.



As ânforas béticas de preparados piscícolas encontram-se atestadas por exemplares de imitação do tipo Dressel 1 (Figura 7, n.º 15, 16 e 19) e Dressel 12 (n.º 18), por um fragmento de bocal do tipo Dressel 7-11 (n.º 21) e dois bordos da Classe 67, identificada por Carlos FABIÃO (1989) no estudo das ânforas da Lomba do Canho (Figura 7, n.º 24 e 25).

Por último, as ânforas lusitanas encontram-se sub-representadas (10 %) no conjunto analisado. Identificaram-se apenas três exemplares, correspondendo a ânforas ovóides que têm vindo a ser atribuídos às primeiras produções de ânforas do extremo ocidente peninsular, com inícios em finais do período romano republicano até meados do século I d.C. (MORAIS 2005; MORAIS e FABIÃO 2007; PIMENTA *et al.* 2006).

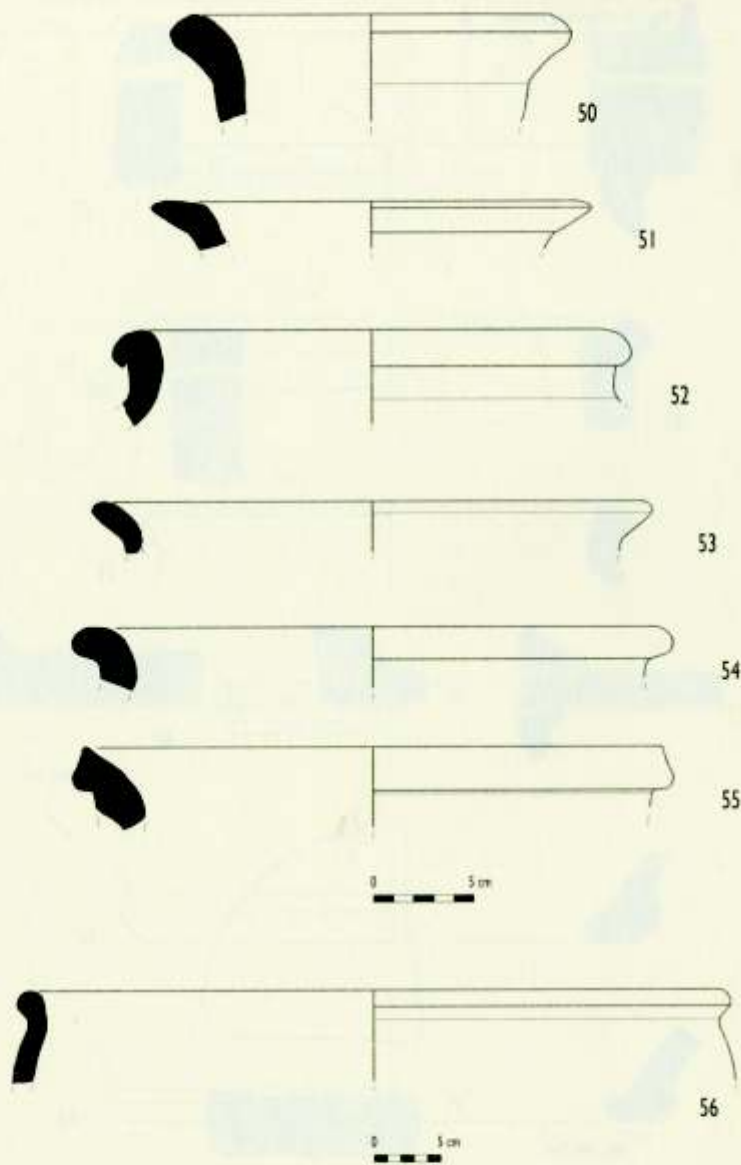
A leitura das ausências, tendo em conta que estamos a lidar com dados de prospecção, vale o que vale. Porém, parece relevante sublinhar a ausência dos típicos modelos lusitanos alto-imperiais da forma Dressel 14. Este dado pode assim ser um bom elemento para aferir a cronologia do sítio, que não parece, como já vimos pelas cerâmicas finas, ultrapassar a primeira metade do século I d.C.

### 3.4. A cerâmica comum

Entre a cerâmica comum dominam os grandes contentores de armazenamento, com paralelos em contextos dos finais da Idade do Ferro (séculos III-II a.C.), no vale do Tejo – alcáçova de Santarém (ARRUDA 2002), povoado do Castelo, em Arruda dos Vinhos (GONÇALVES 1997), Quinta da Torre, em Almada (CARDOSO e CARREIRA 1997-1998), Lisboa (PIMENTA *et al.* no prelo) – e no vale do Rio Sado – em Chibanes (SILVA e SOARES 1997) e no povoado da Pedra da Atalaia, em Santiago do Cacém (SILVA 1978).

Alguns dos exemplares dos contentores exumados, apresentam similitudes com as cerâmicas comuns identificadas em sítios com uma atestada ocupação de cariz militar de Época Romana republicana, como os Chões de Aljompé (compare-se a peça n.º 56 da Fig. 11, com DIOGO 1982: fig. 2, n.º 6) e o acampamento romano de Cáceres El Viejo (comparem-se as peças n.º 57 a 60 da Fig. 12 com ULBERT 1984: Tafel 50, n.º 591).

Paralelamente a estes recipientes, recolheram-se algumas cerâmicas de uso mais quotidiano (ver Fig. 12). Entre estas, destaque para um bocal de almofariz de fabrico bético, da forma *Emporiae* 36,2 (QUARESMA 2006) (Figura 12, n.º 66). Esta forma está bem documentada em níveis dos finais do período tardo-republicano em Santarém (Forma 2, ARRUDA e VIEGAS 2004), e em níveis augustanos no Castelo da Louisa (PINTO e MORAIS 2007: 238).



#### 50. N.º de Inv. MMVFX M.C. 082

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio de secção amendoada. Diâmetro externo de 19 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes, constituídos por quartzos, elementos de calcário, micas douradas e vacúolos. Tom castanho claro (7.5 YR 5/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta, muito deteriorada devido à prolongada exposição aos agentes erosivos.

#### 51. N.º de Inv. MMVFX M.C. 012

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio aplanado ligeiramente moldurado. Diâmetro externo de 20,6 cm. Pasta compacta e arenosa. Elementos não plásticos escassos e bem distribuídos, constituídos por quartzos de pequena dimensão, elementos ferruginosos, micas douradas e vacúolos. Tom vermelho claro (2.5 YR 6/6). Superfície externa alisada, de tom castanho (2.5 YR 7/8).

#### 52. N.º de Inv. MMVFX M.C. 076

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio alto de secção arredondada. Colo curto, de onde arranca um bojo de tendência globular. Diâmetro externo de 23 cm. Pasta compacta e arenosa. Elementos não plásticos bem distribuídos,

constituídos por quartzos, elementos ferruginosos e micas douradas. Tom castanho claro (7.5 YR 5/3). Superfície externa alisada, de tom vermelho (5 YR 6/4).

#### 53. N.º de Inv. MMVFX M.C. 015

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio simples, de onde arranca um colo de tendência globular. Diâmetro externo de 27,5 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (7.5 YR 5/3). Superfície externa alisada, de tom vermelho (5 YR 5/6).

#### 54. N.º de Inv. MMVFX M.C. 044

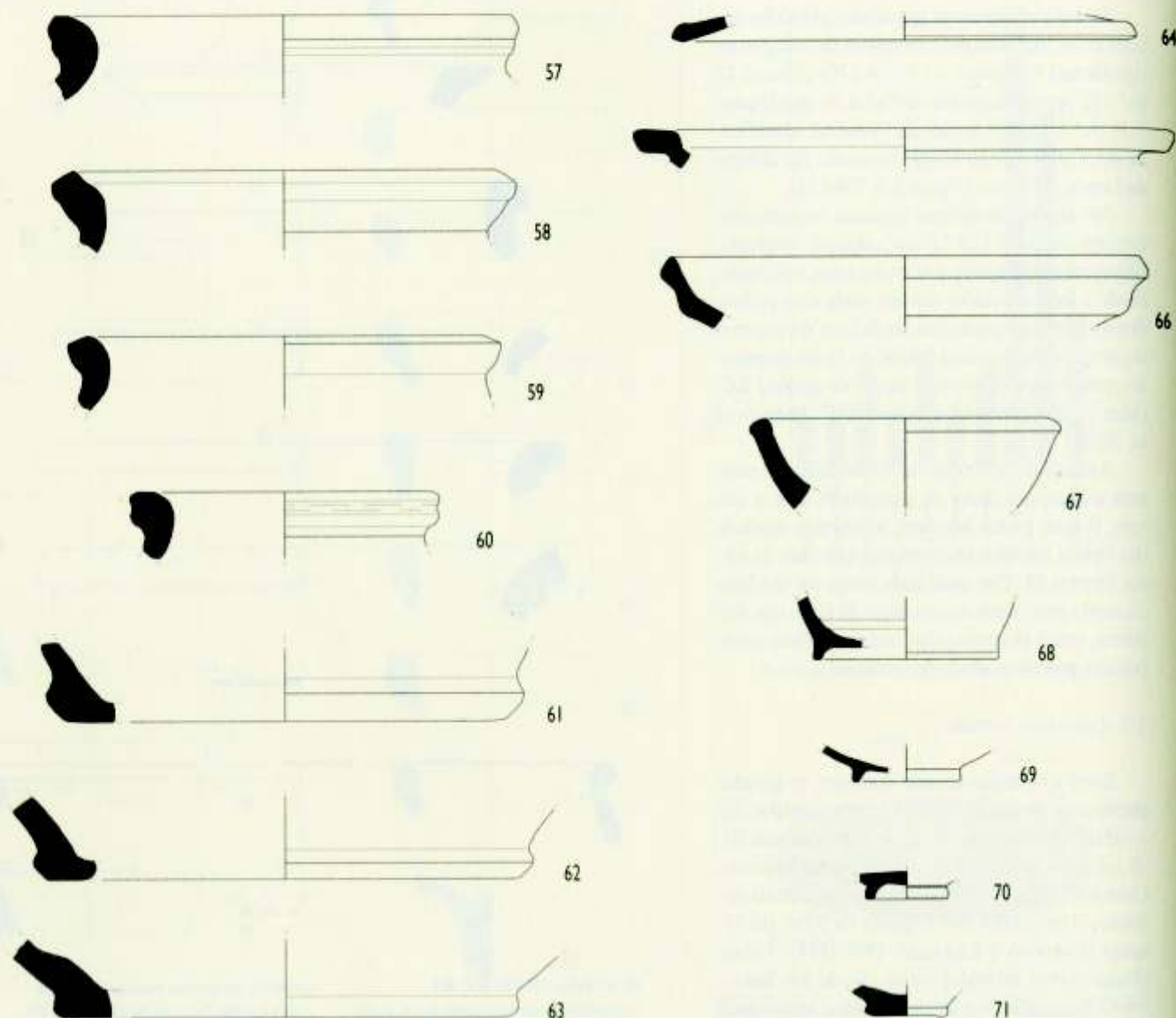
Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio de secção amendoada. Diâmetro externo de 27,5 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom castanho claro (7.5 YR 5/4). Superfície externa alisada, de tom vermelho (7.5 YR 6/4).

#### 55. N.º de Inv. MMVFX M.C. 029

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio de secção triangular. Diâmetro externo de 28,8 cm. Pasta similar ao exemplar anterior. Tom vermelho claro (5 YR 5/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.



Fig. 12 – Cerâmica comum.



**56. N.º de Inv. MMVFX M.C. 088**

Fragmento de bordo com arranque de colo de pote. Lábio alto de secção arredondada, de onde arranca um bojo de tendência globular. Diâmetro externo de 32,5 cm. Pasta compacta e arenosa. Os elementos não plásticos são escassos e bem distribuídos, constituídos por quartzos, elementos ferruginosos e elementos de cerâmica moída. Tom castanho claro (7,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**57. N.º de Inv. MMVFX M.C. 078**

Fragmento de bordo com arranque de colo de grande contentor de armazenamento. Lábio alto de perfil moldurado. Diâmetro externo de 29,5 cm. Pasta dura, arenosa e de fratura irregular. Os elementos não plásticos são abundantes, constituídos por quartzos de

média e grande dimensão (2 a 5 mm), elementos ferruginosos, escassos elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Tom castanho claro (5 YR 5/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**58. N.º de Inv. MMVFX M.C. 077**

Fragmento de bordo com arranque de colo de grande contentor de armazenamento. Lábio alto de perfil moldurado. Diâmetro externo de 27,2 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho claro (2,5 YR 6/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**59. N.º de Inv. MMVFX M.C. 079**

Fragmento de bordo com arranque de colo de grande contentor de armazenamento. Lábio alto de perfil moldurado. Diâmetro externo de 25,5 cm. Pasta de características similares ao exemplar

anterior. Tom castanho claro (2,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**60. N.º de Inv. MMVFX M.C. 027**

Fragmento de bordo com arranque de colo de grande contentor de armazenamento. Lábio alto de perfil moldurado. Diâmetro externo de 19 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho claro (5 YR 5/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**61. N.º de Inv. MMVFX M.C. 033**

Fragmento de fundo com arranque de parede de grande contentor de armazenamento. Fundo plano com ressalto externo. Diâmetro da base 28,6 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho claro (5 YR 5/8). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**62. N.º de Inv. MMVFX M.C. 046**

Fragmento de fundo com arranque de parede de grande contentor de armazenamento. Fundo plano com ressalto externo. Diâmetro da base 30,4 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho claro (7,5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**63. N.º de Inv. MMVFX M.C. 087**

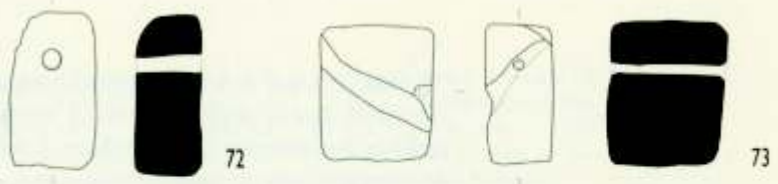
Fragmento de fundo com arranque de parede de grande contentor de armazenamento. Fundo plano com ressalto externo. Diâmetro da base 30 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho (5 YR 5/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**64. N.º de Inv. MMVFX M.C. 083**

Fragmento de bordo de teste. Lábio simples.

0 5 cm

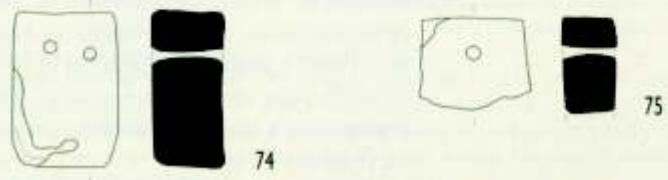




3.5. Materiais diversos

Os pesos de tear são uma boa prova arqueológica de actividades do quotidiano, como a tecelagem. Entre o espólio cerâmico de Monte dos Castelinhos identificamos quatro pesos de tear, tendo sido possível reconstituir três (Figura 13, n.º 72 a 75).

Um pouco por toda a área surgem à superfície fragmentos de material de construção e cerâmica de cobertura, indicativos da existência de estruturas edificadas. Apresentamos aqui, a título de exemplo, alguns fragmentos de telhas e um tijolo de quadrante, indicador da existência de colunas (Figura 13, n.º 76 a 79).



4. Considerações finais

Chegados a este ponto torna-se, a nosso ver, pertinente apresentar algumas breves observações.

Apesar de todas as limitações inerentes à tentativa de leitura da diacronia de um sítio, apenas tendo por base recolhas de superfície, é inegável a homogeneidade do espólio exumado, isto é, o estudo dos diversos conjuntos cerâmicos aponta para um espaço temporal concreto. Assim, tendo por base o estudo das cerâmicas importadas e as suas correlações com outras estações onde as cronologias estão melhor definidas, parece-nos consistente, independentemente de ter ou não outras ocupações pré e proto-históricas, propor uma ocupação centrada entre os inícios do século I a.C. e meados do I d.C., possivelmente o principado de Tibério.

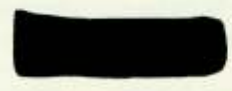
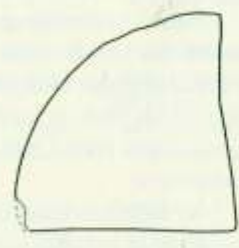


Fig. 13 - Pesos de tear e material de construção.

de extremo aplanado e parede oblíqua. Diâmetro externo de 30 cm. Pasta compacta e homogênea. Elementos não plásticos escassos, constituídos por quartzos de pequena e média dimensão, elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos alongados. Tom castanho amarelado (5 YR 6/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**65. N.º de Inv. MMVFX M.C. 081**  
Fragmento de bordo de pote. Lábio plano de secção quadrangular, de onde arranca de forma abrupta o colo de tendência globular. Diâmetro externo 34,8 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior. Tom castanho amarelado (5 YR 6/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**66. N.º de Inv. MMVFX M.C. 08**  
Fragmento de bordo de almoraz bético da

1.ª série de PIVTO e MORAS (2007). Lábio alto de extremo biselado. Colo oblíquo, diferenciado do bojo por uma carena bem marcada. Diâmetro externo 30,2 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, algumas inclusões negras (xistos?), elementos de cerâmica moída, micas douradas e vacúolos alongados. Tom castanho (7.5 YR 6/4). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**67. N.º de Inv. MMVFX M.C. 10**  
Fragmento de bordo de almoraz da forma Emporiae 36.2. Lábio simples, de extremo arredondado e corpo globular. Diâmetro externo 18,2 cm. Pasta compacta e arenosa. Elementos não plásticos escassos e bem distribuídos, constituídos por quartzos, cerâmica moída, calcário e vacúolos alongados.

Tom castanho (7.5 YR 7/3). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**68. N.º de Inv. MMVFX M.C. 020**  
Fragmento de fundo com arranque de parede de pote (?). Fundo de pé em anel e corpo globular. Diâmetro da base 12 cm. Pasta compacta e arenosa. Elementos não plásticos bem distribuídos, constituídos por quartzos e elementos ferruginosos. Tom castanho acinzentado (5 YR 6/1). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**69. N.º de Inv. MMVFX M.C. 020**  
Fragmento de fundo com arranque de parede de taça. Fundo de pé em anel. Diâmetro da base 7 cm. Pasta de características similares ao exemplar anterior, ainda que mais depurada. Tom castanho acinzentado (5 YR 5/1). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**70. N.º de Inv. MMVFX M.C. 175**  
Fragmento de fundo com arranque de parede de taça de pé em anel, de cerâmica cinzenta, imitação de campaniense. Diâmetro da base 5,4 cm. Pasta compacta e sonora. Elementos não plásticos abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos, elementos ferruginosos e elementos de cerâmica moída de pequenas dimensões. Tom castanho acinzentado (5 YR 4/1). Superfície externa alisada, do tom da pasta.

**71. N.º de Inv. MMVFX M.C. 051**  
Fragmento de fundo com arranque de parede de taça. Fundo de base plana. Diâmetro da base 5,3 cm. Pasta de características similares ao exemplar número 65. Tom castanho avermelhado (5 YR 6/6). Superfície externa alisada, do tom da pasta.



Neste intervalo de tempo, seríamos tentados a reconhecer, face às associações entre as formas de cerâmica campaniense e a preponderância de ânforas da futura província da *Baetica*, uma plausível ocupação centrada em meados da segunda metade do século I a.C.

Estas correlações de materiais encontram bons paralelos em sítios de cariz militar como o acampamento romano da Lomba do Canho, em Arganil (FABIANO 1989), a alcáçova de Santarém (o *Praesidium Iulium* de César, ver ARRUDA e ALMEIDA 2000) e povoados como a Mesa dos Castelinhos, em Almodôvar (FABIANO 1998).

Face a este enquadramento cronológico e à presença de muralhas e taludes defensivos, é tentador ver neste arqueossítio uma instalação de cariz militar correlacionada com algum dos episódios hispânicos das guerras civis ao longo século I a.C., possivelmente com os conflitos sertorianos. É pertinente ter presente que, nas imediações desta estação, é conhecido o impressionante tesouro de Santana da Carnota, datado da época das Guerras Sertorianas (VIEGAS e PARREIRA 1984).

Pensamos, contudo, que é mais plausível, como hipótese de trabalho, tentar associar este sítio com o período de grande instabilidade que se viveu no Vale do Tejo nos finais do século I a.C., em consequência dos conflitos entre César e os partidários de Pompeio.

Ao tentarmos compreender a lógica de um povoado desta natureza, que face às prospeções já efectuadas parece ter vários hectares de extensão, sobressai a sua implantação privilegiada de verdadeiro

domínio sobre a estrada romana de *Olisipo a Scallabis* (PIMENTA e MENDES 2007). Este controlo é acrescido se tivermos em conta que na base deste povoado se situa a foz do Rio Grande da Pipa, sendo crucial a sua implantação para o controlo da passagem entre as duas margens.

Poderíamos assim estar em Época Romana republicana perante um sítio de cariz militar, dominando uma área portuária e de travessia da mais importante via terrestre do extremo ocidente?

Qual a importância que este sítio vem a assumir com a reorganização política e administrativa da província da Lusitânia, é algo que de momento nos escapa. Porém, não deixa de ser pertinente a referência do Professor Jorge de ALARCÃO (1990) à localização da fronteira do território Olisiponense nesta zona.

Face a esta leitura, não podemos deixar de abordar uma questão mais transversal a este trabalho, que se prende com uma discussão que nos transcende, correlacionada com questões mais gerais de geografia histórica: a localização do sítio referido no *Itinerário Antonino* como *Ierabriga*. Esta estação viária, hoje em dia tida consensualmente como localizada sobre o sítio de Paredes e Sete Pedras (MANTAS 1996), encontra-se a nosso ver longe de estar categoricamente confirmada...

Perante tais hipóteses, é desnecessário sublinhar a relevância que este povoado portuário terá assumido em época tardo-republicana, facto que se espera venha a ser consubstanciado com o projecto de estudo que estamos a desenvolver para o local, com início das primeiras sondagens ainda em 2008. Voltaremos em breve a esta temática!

## PUBLICIDADE

e.: [dryas@dryas-arqueologia.pt](mailto:dryas@dryas-arqueologia.pt) u.: <http://www.dryas-arqueologia.pt>

**DRYAS ARQUEOLOGIA**

PLANEAMENTO E GESTÃO DE RECURSOS PATRIMONIAIS

AValiação DE IMPACTES

PROSPEcÇÃO ARQUEOLÓGICA

acompanhamento ARQUEOLÓGICO

SONDAGEM ARQUEOLÓGICA

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA

ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

ARQUEOLOGIA URBANA

ARQUEOLOGIA DO EDIFICADO

ANTROPOLOGIA DE TERRENO

BIOANTROPOLOGIA

BIOARQUEOLOGIA

TRATAMENTO E DESENHO

ACÇÕES DE FORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS

PUBLICAÇÕES

VALORIZAÇÃO E MUSEOGRAFIA

sede:  
**Av. Fernão de Magalhães,**  
**153, 4º andar, sala 11**  
**3000-176 COIMBRA**  
 t.: 239 834 157;  
 f.: 239 834 045



## Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1990) – "O Domínio Romano". In SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Ed. Presença, pp. 342-441.
- ALMEIDA, D. F. de (1972) – "Inscrições Romanas e Moeda Visigótica no Museu Municipal de Vila Franca de Xira". In 25.º Aniversário da Biblioteca Museu Municipal Dr. Vidal Baptista. *Boletim Comemorativo*. Vila Franca de Xira, pp. 151-152.
- ALMEIDA, R. R. (2006) – *As Produções Anfóricas do Guadalquivir no Quadro das Importações de Scallabis. Contributo para o conhecimento dos tipos minoritários no ocidente peninsular*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Edição policopiada.
- ARRUDA, A. M. (2002) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6).
- ARRUDA, A. M. e ALMEIDA, R. R. (2000) – "Importação e Consumo de Vinho Bético na Colónia Romana de Scallabis (Santarém, Portugal)". In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae*. Écija: Editorial Graficas Sol. "Conservas y Vino de la Bética en el Imperio Romano". Vol. 2, pp. 703-715.
- ARRUDA, A. M. e VIEGAS, C. (2004) – "Les Mortiers de l'Alcáçova de Santarém (Portugal)". In *SPECIAG. Actes du Congrès de Vallauris*, pp. 341-349.
- ARBEIDA, A. M.; VIEGAS, C. e BARGÃO, P. (2005) – "As Ânforas da Bética Costeira na Alcáçova de Santarém". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1): 279-297.
- BANHA, C. M. S. (1991-92) – "As Ânforas da Villa Romana de Povos". *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 5: 50-90.
- BARBOSA, E. (1970) – "Notícia de Alguns Achados Romanos no Concelho de ALENQUER". In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (15 a 20 de Dezembro de 1958, em homenagem ao Doutor José Leite de Vasconcelos)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. 2, pp. 27-33.
- CAMACHO, C.; CALAIS, C. e NUNES, G. (1996) – "A Presença Romana no Concelho de Vila Franca de Xira: investigar, divulgar e animar". In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge (coord.). *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Pub. Dom Quixote / C. M. Seixal, pp. 179-191 (Actas das Ps Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Seixal, 1991).
- CARDOSO, J. L. e CARREIRA, J. R. (1997-1998) – "A Ocupação de Época Púnica da Quinta da Torre (Almada)". *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7: 189-217.
- DIAGO, A. M. D. (1982) – "A propósito de 'Moron'. Estudo de alguns documentos provenientes dos Chões de Alpompe (Santarém)". *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 4: 147-154.
- FABRÃO, C. (1989) – *Sobre as Ânforas do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ / INIC, p. 162.
- FABRÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território Hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Lisboa. Policopiado.
- FABRÃO, C. (2000) – "Sobre as Mais Antigas Ânforas Romanas da Baética no Ocidente Peninsular". In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae*. Écija: Editorial Graficas Sol. "Conservas y Vino de la Bética en el Imperio Romano". Vol. 2, pp. 665-682.
- FABRÃO, C. (2004) – "Centros Oleiros da Lusitânia. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação". *BAR Internacional Series* 1266. Vol. 1, pp. 379-410 [Actas do Congreso Internacional *Figlinae Bae-*
- tica*. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C.-VII d.C), Cádiz, 2003].
- FABRÃO, C. e GUERRA, A. (1987) – "Considerações Preliminares sobre a Cerâmica Comum do Acampamento Militar Romano da Lomba do Canho, Arganil". In *Da Pré-História à História. Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. Lisboa: Delta Ed., pp. 287-308.
- FABRÃO, C. e GUERRA, A. (1996) – "A Cerâmica Campaniense do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)". *Ophiussa*, 0: 109-131.
- FARIA, A. M. (1987) – "Guerras e Conflitos do Vale do Tejo na Antiguidade: o testemunho dos tesouros monetários". In *Arqueologia no Vale do Tejo*. Lisboa: IPPC, pp. 60-61. Catálogo de exposição.
- GOMES, J. J. F. e PONTI, S. (1984) – "Três Bronzes Romanos da Região de ALENQUER". *Cosimbriga*, 23: 97-101.
- GONÇALVES, A. e CARVALHO, P. (2002) – "Intervenção Arqueológica no Castelo da Louisa (1997-2002): resultados preliminares". *Al-Madun*. Almada, 2.ª Série, 11: 181-188.
- GONÇALVES, J. L. M. (1997) – "O Sítio Arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos): escavações de 1988 a 1993". *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 3: 5-52.
- GUERRA, A. (1995-97) – "A Respeito do Nome de Vila Franca de Xira". In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 7: 155-165.
- GUERRA, A.; BLOT, M. L. e QUARESMA, J. C. (2000) – "Para o Enquadramento do Sítio de Povos, um Estabelecimento Romano do Curso Inferior do Tejo". In *Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 29-42. Catálogo de exposição.
- HENRIQUES, G. J. C. (1997) – *Subsídios para a História do Concelho de Vila Franca de Xira*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- LUCAS, M. M. (2000) – "Para uma Arqueologia da paisagem: o alto do senhor da Boa Morte, um espaço vivido". In *Senhor da Boa Morte. Mitos, História e Devoção*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 13-28. Catálogo de exposição.
- MANTAS, V. G. (1996) – *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica Entre Lisboa e Braga*. Tese de Doutoramento apresentada à Fac. de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- MANTAS, V. G. (2000) – "A Rede Viária Romana e Medieval da Região de Torres Vedras". In *Actas de História Medieval Torres Vedras I*. Câmara Municipal de Torres Vedras, pp. 11-24.
- MORAIS, R. (2005) – "Problemáticas e Nove Perspectivas sobre les Âmfóres Ovoides Tardo-Republicanas. Les âmfóres ovoides de produção Lusitana". In *Culip VIII i les ânfores Haltern 70*. Gitona, pp. 36-40 (*Monografies del Casc*, 5).
- MORAIS, R. (2007) – "Ânforas Tipo *Urcus* de Produção Bética e Produções Regionais Locais do NW Peninsular". In *Actas del Congreso Internacional Cetrariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad* (Cádiz, 2005), pp. 401-415.
- MORAIS, R. e FABRÃO, C. (2007) – "Novas Produções de Fabrico Lusitano: problemáticas e importância económica". In *Actas del Congreso Internacional Cetrariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad* (Cádiz, 2005), pp. 127-133.
- MOREL, J. P. (1981) – *Cerámiques Campanienne. Les Formes*. Rome: Ecole Française de Rome, 2 Vols.
- PARREIRA, R. (1987-88) – "Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6". In *Boletim Cultural*. C. M. Vila Franca de Xira, 3: 96-105.
- PARREIRA, R. (1989-1990) – "Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Fran-
- ca de Xira. Notícia da parcela 390-2". In *Boletim Cultural*. C. M. Vila Franca de Xira, 4: 76-91.
- PEACOCK, D. P. e WILLIAMS, D. F. (1987) – *Amphorae and the Roman Economy. An introductory guide*. London: Longman Publications.
- PIMENTA, J. (2005) – *As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 41).
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2007) – "A Escavação de um Troço da Estrada Romana *Olisipo-Scalabbi*, em Vila Franca de Xira". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 10 (2): 189-228.
- PIMENTA, J.; CALADO, M. e LEITÃO, M. (2005) – "Novos Dados sobre a Ocupação Pré-Romana da Cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2): 313-334.
- PIMENTA, J.; CALADO, M. e LEITÃO, M. (no prelo) – "Novos Dados sobre a Ocupação Pré-Romana da Cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça". In *Actas 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos* (Lisboa, 2005).
- PIMENTA, J.; SEPULVEDA, E. de; FARIA, J. C. e FERREIRA, M. (2006) – "Cerâmicas Romanas do Lado Ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção lusitana". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 9 (2): 299-316.
- PINTO, J. V. e MORAIS, R. (2007) – "Complemento de Comércio das Ânforas. Cerâmica comum Bética no território português". In *Actas del Congreso Internacional Cetrariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad* (Cádiz, 2005), pp. 235-254.
- QUARESMA, J. C. (2005) – "Ânforas Romanas Provenientes da Pesca de Arrasto no Tejo, Depositadas no Museu Municipal de Vila Franca de Xira". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2): 403-428.
- QUARESMA, J. C. (2006) – "Almofarizes Béticos e Lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos". *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (1): 149-166.
- SAA, M. (1959) – *As Grandes Vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*, Tomo 2.
- SAA, M. (1967) – *As Grandes Vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*, Tomo 6. *As Vias imperiais de Lisboa a Mérida Revisão e conclusão*.
- SILVA, C. T. (1978) – "Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)". *Setúbal Arqueológica*, 4: 117-132.
- SILVA, C. T. e SOARES, J. (1997) – "Chibanes Revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996". In *Estudos Orientais VI. Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 33-66.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F. e SOARES, A. (1980-81) – "Escavações Arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979)". *Setúbal Arqueológica*, 6-7: 149-218.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1973) – "Ocupação do Período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal)". In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, Vol. 1, pp. 245-305.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1979) – "A Cerâmica Pré-Romana de Mirobriga (Santiago do Cacém)". *Setúbal Arqueológica*, 5: 159-184.
- ULBERT, G. (1984) – "Caceres el Viejo. Ein Spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura". *Madridrer Beiträge*, 11.
- VIEGAS, C. (2003) – *A Terra Sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: IPA (*Trabalhos de Arqueologia*, 26).
- VIEGAS, J. R. e PARREIRA, R. (1984) – "Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer / Portugal)". *Madridrer Mitteilungen*, 25: 79-91.